

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MARIA MAGDALENA SCHOMMER AMARO

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Porto Alegre
2015

MARIA MAGDALENA SCHOMMER AMARO

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Professora Raquel Usevicius Hahn

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho foi evidenciar a importância do uso dos recursos tecnológicos na educação infantil, bem como as possíveis consequências no acréscimo de aprendizagens na linguagem oral e escrita. O estudo foi realizado pela metodologia de pesquisa qualitativa que descreve as práticas de forma comparativa, uso e não uso das tecnologias, com a turma do Jardim de crianças com quatro anos de idade. Os referenciais teóricos contribuíram e acompanharam o trabalho que permitiu compreender melhor a função da educação infantil e suas contribuições para a sociedade de hoje. O “Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil”(1998) é importante bibliografia que acompanhou e auxiliou a minha monografia na realização das práticas na educação infantil. Nos dias atuais uma ação docente comprometida com a qualidade da aprendizagem a qual é importante na construção da autonomia, respeitando o ritmo próprio de cada criança na conquista dos novos saberes. Por isso, é necessário que as crianças recebam os estímulos necessários, através das atividades lúdicas, brincadeiras, jogos e recursos de tecnologia. O estudo de caso da turma de crianças do jardim com propostas e desafios com o uso do microfone para a gravação e computador para ampliar o conhecimento da linguagem oral e escrita de forma espontânea. A bagagem de conhecimento trazida do convívio fora da escola que é permeada pela publicidade midiática também traz influência na função social da linguagem oral e escrita, o letramento, crianças leitoras que ainda não são alfabetizadas. Esta pesquisa não teve como objetivo a alfabetização, mas a importância de que se desenvolva num contexto de letramento, entendido este por Magda Soares(1998) como a etapa inicial da aprendizagem da escrita. Assim, constatou-se crianças motivadas em participar, criativas e alegres onde expressaram seus desejos, interesses, sentimentos, valores e conhecimentos com as propostas do uso das tecnologias.

Palavras-chave: Educação Infantil. Tecnologias. Letramento.

ABSTRACT

The main objective of this study was to highlight the importance of the use of technological resources in early childhood education, as well as the possible consequences on learning of increase in oral and written language. The study was conducted by qualitative research methodology that describes the practices in a comparative way, use and non-use of technologies, with the group of children Garden four years old. The theoretical frameworks contributed and followed the work which allowed better understand the role of early childhood education and its contributions to society today. The "Reference National Curriculum from Kindergarten" (1998) is important bibliography that accompanied and assisted my monograph on the realization of practices in early childhood education. Nowadays a teaching action committed to the quality of children's learning, which is important in the construction of autonomy within the rhythm of each child in the conquest of new knowledge. Therefore, it is necessary that children receive the necessary stimulation, through play activities, games, and resources of technology. The case study of children proposed and with challenges with microphone used for recording and computer to increase knowledge of oral and written language with spontaneously. The baggage of knowledge brought from socializing outside of school that is permeated by the media advertising also brings influence on the social function of oral and written language, literacy, children readers who are not yet literate. This research is not aimed literacy, but the importance of it to develop a literacy context, understood by Magda Soares (1998) as the initial stage of learning of writing. There was kids motivated to participate, creative and cheerful, which expressed their desires, interests, feelings, values and knowledge with the proposals of the use of technology.

Keywords: Early Childhood Education. Technologies. Literacy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mochilas do Maternal	16
FIGURA 2 - Mochilas do Jardim	17
FIGURA 3 - A entrevista coletiva	21
FIGURA 4 - A entrevista individual.....	23
FIGURA 5 - Durante o brincar	23
FIGURA 6 - Jogo da memória	24
FIGURA 7 - Hora da leitura.....	24
FIGURA 8 - Digitando o nome	25
FIGURA 9 - Desenho no Paint – escrita do nome	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RCNEI	Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil
LDB	Lei e Diretrizes Básicas da Educação
MEC	Ministério da Educação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 EDUCAÇÃO INFANTIL COM NOVOS OLHARES.....	11
3 A PRODUÇÃO DA CULTURA MUDIÁTICA	14
4 A SOCIALIZAÇÃO DA INFÂNCIA PELA PUBLICIDADE MUDIÁTICA	16
5 FUNÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM ESCRITA – LETRAMENTO.....	20
6 DIANTE DOS ELEMENTOS TECNOLÓGICOS.....	24
7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
8 ESTUDO DE CASO – TECENDO PERCURSO.....	29
9 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Para desenvolver o tema Tecnologias na Educação Infantil, tenho como principal objetivo uma pesquisa qualitativa do estudo de caso da turma do Jardim com quinze crianças de quatro anos de idade. Nesta conquista elaborar atividades com a turma utilizando as tecnologias como recurso de interação e socialização e proporcionar novas aprendizagens. O curto período observado de três meses me levou a pensar na questão norteadora. Será que o uso do microfone para gravação e o computador dariam sustentação para a construção de novos saberes na linguagem oral e escrita?

Surgiu a necessidade de uma visão educacional que acredita na criança ativa, criadora, contextualizada, que se manifesta através de diversas formas de expressão, inserida num contexto social em que a cultura mediática forma um conhecimento prévio, crianças que pensam, agem e interagem constantemente. Construir situações de aprendizagem utilizando o computador, bem como o microfone para as gravações, foram as experiências das crianças por meio do lúdico que despertou curiosidades, alegria e muita satisfação. Nesse sentido, a interação entre elas, permeada pela troca de suas leituras e escritas através de gestos, rabiscos, desenhos, imagens, assim como a exploração das interfaces do software *Paint* como o pincel, a tinta, e experimentando as letras do teclado.

Para Antunes (2004, p.32), “[...]brincar favorece a autoestima, a interação com seus pares e sobretudo, a linguagem interrogativa, propiciando situações de aprendizagem que desafiam seus saberes estabelecidos e destes fazem elementos para novos esquemas de cognição”.

Estamos vivendo um importante momento no que diz respeito à educação de crianças pequenas. Diversos caminhos têm sido trilhados na busca de uma definição do seu lugar e função na sociedade atual. Nas últimas décadas a expansão da educação infantil tem ocorrido de forma crescente, revelando que a sociedade está cada vez mais consciente da importância da educação voltada às crianças menores de seis anos. Por isso o primeiro capítulo tem como título, educação infantil: Novos olhares, onde inicialmente foi dar referência para a mudança da educação básica do nosso país, período que envolve as crianças em estudo e também expor informações do importante documento, Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998) que orienta os educadores para as suas práticas pedagógicas.

O segundo capítulo se refere: à produção da cultura midiática, isto é, a influência dessa cultura cada vez mais cedo na vida das crianças. No capítulo “A Socialização da Infância pela Publicidade Midiática”, a criança de quatro anos já está socializada pelo sistema mediático cultural, uma influência veiculada pelos ícones, marcas, que as crianças identificam, sabem ler e fazem suas escolhas. Sobre o capítulo Função Social da Linguagem Escrita: Letramento, faz referência a função social da língua escrita para crianças na idade em pesquisa que ainda não se alfabetizaram, mas que fazem a leitura dos logos e marcas produzidas pela publicidade midiática. O capítulo Diante dos Elementos Tecnológicos vai influenciar nas formas de expressão, de suas escolhas, um conhecimento de mundo adquirido fora do ambiente escolar, mas esta dará continuidade proporcionando atividades lúdicas, brincadeiras, estabelecer interações e utilizar as ferramentas mediáticas para despertar o desejo de novos conhecimentos.

A metodologia descrita no capítulo Procedimentos Metodológicos aponta para o estudo de caso da turma do Jardim como método de pesquisa. Finalizando com o capítulo Estudo de Caso: tecendo o percurso, que descreve as experiências, as práticas realizadas, os novos saberes e conquistas. A observação não tem perspectiva de resultado final, mas o início de um percurso utilizando de forma lúdica as propostas de aprendizagens e no brincar de faz de conta “ser repórter” utilizando recursos das tecnologias. Preserva-se assim a essência da criança que nunca pode perder a curiosidade a respeito do mundo que a envolve.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL COM NOVOS OLHARES

Este capítulo considero importante para dar início ao estudo de caso descrito na monografia porque envolve crianças de quatro anos da educação infantil, que tem seus direitos garantidos por lei de estarem em uma escola. Esta deve ter novos olhares, considerar a bagagem que a criança traz consigo e precisa trabalhar diversos aspectos com vários recursos que lhe proporcionem um crescimento saudável e uma aprendizagem significativa.

A expansão da educação infantil no Brasil tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estruturas familiares. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos, reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil passou a ser do ponto de vista legal, um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) destaca também o direito da criança a este atendimento.

Atendendo às determinações da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) que estabelece, pela primeira vez na história de nosso país, que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) é um documento que veio para auxiliar o professor da educação infantil na realização de seu trabalho educativo diário junto às crianças pequenas. O Referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) define dois âmbitos de experiências: Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo. O âmbito de Formação Pessoal e Social refere-se às experiências que favorecem a construção do sujeito, seus esquemas simbólicos de interação com os outros, consigo mesmas e com o meio. Abarca um eixo denominado Identidade e Autonomia. O âmbito de Conhecimento de Mundo refere-se à construção das diferentes linguagens e as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento e a relação com alguns aspectos da cultura. O Referencial concebe os

conteúdos como um meio para que as crianças desenvolvam suas capacidades sua maneira própria de pensar, sentir e ser, ampliando suas hipóteses acerca do mundo ao qual pertencem.

A Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 (BRASIL, 2013) altera a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no seu Art.4º inciso I onde a educação básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade e não mais a partir dos seis anos. A emenda estabelece que o prazo dos estados e municípios para oferecer vagas às crianças nessa faixa etária vai até 2016. Portanto o ensino passou a ser obrigatório dos quatro aos dezessete anos, incluindo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Médio.

Estudiosos como Adam Schaff (1991), Jorge Frôes (1999), entre outros, afirmam que estamos em plena segunda revolução industrial, a qual se caracteriza por novas maneiras de pensar e de agir, da mesma forma as novas tecnologias mudaram as formas de ler e de escrever.

O uso das tecnologias vem ganhando cada vez mais espaço na educação infantil e pode tornar-se instrumento e meio a serviço da educação. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) tem como proposta pedagógica das instituições buscar a interação entre as diversas áreas de conhecimento inclusive a tecnologia. No capítulo “Educar” do RCNEI, a instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Neste mesmo capítulo educar significa,

Propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p.23)

O Referencial Curricular (BRASIL, 1998) ainda descreve sobre as situações de aprendizagem em que se deve produzir novos conhecimentos na interação com novos desafios. Uma prática educativa que deve buscar situações de aprendizagens que reproduzam contextos cotidianos nos quais, por exemplo, escrever, contar, ler, desenhar, procurar uma informação, etc. Que isso tenha uma função real e se concretiza em dois âmbitos de experiências, a Formação Pessoal e Social e o Conhecimento de Mundo. Nesse âmbito de conhecimento à construção é das diferentes linguagens pelas crianças e as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento com alguns aspectos da cultura. Cultura como o

conjunto de códigos e produções simbólicas, científicas e sociais da humanidade que engloba instrumentos fundamentais para as crianças continuarem a aprender ao longo da vida.

As funções do profissional que atende essas crianças de zero a seis anos necessita de formação mais abrangente que em resposta, que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 2013, Art.62)

As diferentes redes de ensino deverão colocar-se a tarefa de investir de maneira sistemática na capacitação e atualização permanente de seus professores. As redes de ensino foram proporcionadas um tempo para a adaptação, a mesma Lei 9.394/96 da LDB alterada em 2013 ainda dispõe no artigo 87, que até o fim desta década na educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.

Respeitar a criança como sujeito de direitos é o caminho que temos para compreender que a infância é uma fase em que se forjam as melhores condições para serem criados adultos felizes, pois são os primeiros anos de vida da criança que determinam o seu desenvolvimento, suas deficiências, seus prazeres e dissabores.

Madalena Freire (1983, p. 15) nos descreve as práticas realizadas por ela com paixão e diz “[...]sem paixão não poderia existir a condição do conhecimento[...]”, este é construído tanto pelas crianças como pelos professores. Assim, educar bem os milhares de crianças entre zero a seis anos de idade em nosso país é um desafio, mas que vem ganhando destaque e mostrando sua enorme relevância na formação do desenvolvimento humano. Pode-se dizer que, são educadores comprometidos com essa complexa construção do humano e quem sabe também a realização de seus sonhos. Para Freire (1983, p.15) “[...]muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã[...]”. A autora relaciona os sonhos com projetos pelos quais se luta que para ela são a transformação do mundo que não deixa de ser um ato político.

Podemos, portanto, entender criança como um ser diferente do adulto, em idade, maturidade, comportamentos típicos a sua condição, mas não se pode analisar a criança descontextualizada. Seus saberes fazem parte da sua constituição como sujeito na nossa sociedade onde a construção da aprendizagem se faz a partir das trocas e vivências.

3 A PRODUÇÃO DA CULTURA MEDIÁTICA

No capítulo anterior ficou claro dos direitos legais dessas crianças em estudo e o reconhecimento da bagagem que trazem de conhecimentos, hipóteses do mundo a que pertencem influenciadas pelos meios que a cercam. O educador da educação infantil deve tornar acessível a cultura para todas as crianças e um desenvolvimento e inserção social e aspirar os sonhos possíveis de Madalena Freire (1983) em sua obra “A paixão de conhecer o mundo”. Levando em consideração esses elementos o capítulo sobre a produção da cultura mediática se refere ao conhecimento das crianças fora da escola, informações importantes para o professor.

O surgimento e o desenvolvimento dos meios de comunicação podem ser considerados uma característica essencial da cultura. Na sociedade brasileira, onde vigora uma modernidade periférica a produção e circulação de formas simbólicas pela mídia têm um papel decisivo na vida social e no cotidiano das pessoas. A maior parte da informação e das atividades culturais como música, cinema, filmes, livros, revistas e a indústria da fantasia infantil e juvenil tem um rápido crescimento e proliferação pelos meios de comunicação acessível a um grupo cada vez maior de receptores. Segundo Moran (2011, p.33), a criança também é educada pelas mídias, principalmente a televisão.

A televisão é uma das formas da criança se educar, aprende a informar-se, a conhecer – os outros o mundo, a si mesma – a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, “tocando” as pessoas na tela, pessoas estas que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar, uma relação prazerosa feita através da sedução, da emoção e da exploração sensorial.

Em referência a este teórico podemos considerar como principal veículo a televisão que não possui restrições sobre cenas de violência, de sexo, mentira, traição, enfim, questões do mundo adulto presentes no cotidiano de crianças. Então passamos a viver com crianças informadas e conhecedoras de todas as situações existentes na sociedade. A televisão ainda pode ter um papel importante na medida em que ela fornece as significações de mitos e símbolos preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irrealis, significações inexistentes do mundo vivido representados pelos desenhos animados. A televisão ocupa uma fatia considerável do tempo das crianças, como salienta Moreira (2003).

Parece-me inequívoco que os diversos meios de comunicação exercem hoje uma função pedagógica básica, a de socializar os indivíduos e de transmitir-lhes os códigos de funcionamento do mundo. Sem dúvida instituições como a família, a escola e a religião continuam sendo, em graus variados, as fontes primárias da educação e da formação moral das crianças. Mas a influência da mídia está presente também por meio delas. A televisão, por exemplo, ocupa uma fatia considerável do tempo das crianças, sobretudo em meios sociais carentes de fontes alternativas de ocupação e lazer. (MOREIRA, 2003, p.1216)

Esse contato com as mídias eletrônicas será incorporado na história da cultura da infância e nas consequências que essa interação produzirá nessa geração inserida em uma sociedade midiaticizada e que cada vez mais utiliza-se dessas mídias para o entretenimento, para constituir suas brincadeiras, para se informar, para consumir, para se constituir enquanto sujeito incluído nesta sociedade.

Por meio do “sonho” e da “fantasia”, produtos licenciados, gerados com imagem das personagens dos filmes animados, veiculado por meio do desenho animado, alvo maior do comércio, que são apresentados às crianças em apelo ao consumo.

Nessa trajetória desafiadora que se faz presente no ato de educar as crianças nos dias atuais, permeados por novos conceitos que envolvem a infância, a cultura mediática e o consumo, cabe à escola, dar subsídios para as crianças enriquecerem sua cultura, assim estará dando continuidade aos conhecimentos já construídos fora da escola e de algum modo preparando os mesmos para as articulações com mídia em seu cotidiano.

De acordo com Freire (2000, p.114), “[...]a criança desenvolve seu pensamento através da função simbólica. É através de sua imaginação que ela transforma e idealiza o mundo em que vive[...]”. Deste modo se explica sua identificação com personagens exibidos pela televisão, manipula seu mundo real e imaginário.

4 A SOCIALIZAÇÃO DA INFÂNCIA PELA PUBLICIDADE MIDIÁTICA

A criança recebeu através dos meios citados no capítulo sobre a produção da cultura mediática, muitas informações, imagens, onde faz suas deduções e escolhas, é estimulada a um consumo considerado natural pelos pais. Neste capítulo procurei descrever um pouco como essa publicidade midiática interfere na socialização da infância.

Quanto ao papel e a influência sobre as crianças, a publicidade e o marketing vão mostrando às crianças pela vida afora o que é agradável, atraente, criativo e desejável. Assim antes de serem alfabetizados pela escola as crianças, sobretudo nos grandes centros, já foram alfabetizadas pelas marcas e pelos logos. Antes de aprenderem a falar direito elas começam a ler o mundo por meio dos ícones do consumo veiculados pelas mídias e tecnologias, portanto a mídia influencia na percepção da realidade.

As imagens a seguir retratam visivelmente a influência da publicidade midiática na vida das crianças pequenas.

FIGURA 1 – Mochilas do Maternal



Arquivo pessoal da própria autora, 2015

FIGURA 2 – Mochilas do Jardim



Arquivo pessoal da própria autora, 2015

Acredito numa educação infantil que merece ser valorizada e reconhecida pelos seus desafios, é a etapa educacional que deve trabalhar e considerar, principalmente, o interesse da criança, assim, ela estará construindo o seu próprio conhecimento e acreditando nas suas potencialidades. Devemos considerar as criadas pela publicidade midiática, essa bagagem que trazem junto com as mochilas onde as escolhas são de cada um e o “conteúdo” é individual.

Para Giroux (1995), ao tratar desse assunto, as crianças, que aprendem por meio das formas culturais populares às quais são expostas ao se relacionarem com a cultura mediática, precisam aprender sobre ela. Giroux (1995, p.75) enfatiza “[...]isso fornece um novo registro cultural para o que significa ser alfabetizado[...]”. Portanto de uma educação a princípio assistencialista, surge uma educação infantil com duas preocupações essenciais voltadas para o cuidar e o educar as crianças decorrentes dos interesses da sociedade industrial.

A evolução tecnológica conduziu o desenvolvimento mais avançado e participativo de ensinar e aprender com novas ferramentas. Conforme Moran (2011, p.28), “[...]as tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos[...]”. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação, se somos fechados, ajudam a nos controlar mais. Se tivermos propostas inovadoras, facilitam a mudança.

O papel do professor está na condução da melhor forma de reflexão e criticidade do assunto abordado, o mais importante não é só utilizar recursos, mas desenvolver através de abordagens metodológicas, oferecer desafios interessantes criativos, atividades que desenvolvam atitudes efetivas ensinando a integrar os valores e a ética em todas as dimensões de sua vida. Isto porque os meios de comunicação também podem produzir materiais de qualidade, visando à educação e a cidadania. Em Fantin (2008) encontramos essa proposta:

Essa perspectiva de mídia-educação implica a adoção de uma postura crítica e criadora de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções para produzir mídias e também para educar para a cidadania (FANTIN, 2008, p.153).

Considerando o que encontramos em Fantin (2008) as mídias além da capacidade comunicativa também têm uma relação com as produções de ética e estética na capacidade criadora que pode educar para uma participação crítica como cidadão. Por isso, a educação para um consumo consciente deve começar na infância, uma influência na formação de valores morais das crianças.

Nas escolas nota-se um esforço pedagógico para fortalecer laços imediatos, favorecer contatos pessoais das crianças, praticar a sensibilidade para as vivências dia-a-dia de seu contexto e contribuir na percepção da realidade introduzidas pelas novas tecnologias. Neste sentido a socialização midiática contribui para que os processos de formação da identidade incluam valores como liberdade, participação e autonomia inserindo as crianças em uma cultura midiática desde sua mais tenra infância.

Fantin (2008) afirma que a criança também é criadora e pode intervir no processo de cultura, nessas produções as crianças interagem com as coisas do mundo praticando formas especificamente infantis de representação e simbolização. Isso aponta para a função pedagógica na educação infantil que considera a criança, muitas vezes, conhecer mais sobre algum produto anunciado do que a professora. Em alguns casos o conhecimento da criança supera a dos pais. Cito o exemplo de uma mãe de aluno do jardim que me contou esse fato: *“O meu filho me pediu dois iogurtes da propaganda, não sabia qual, então me explicou, aquele que depois de comer um tem que comer outro, por isso me pediu os dois, assim, para comprar o “tal” tive que me informar de qual iogurte ele falava”*. Porque essas informações são tão importantes? Elas com certeza são parte da socialização das crianças na formação de novos saberes.

Formar a criança capaz de refletir, criar e se expressar em todas as linguagens e usando os meios técnicos disponíveis na sociedade, é um objetivo essencial da UNESCO, (1984) para qualquer sistema de ensino. Sim um importante objetivo que precisa de educadores conscientes de que suas crianças trazem naquelas mochilas não somente as imagens de seus heróis, mas um conhecimento já construído. Além de todo esse conteúdo pela publicidade as crianças também demonstram interesse e saberes do uso dos meios tecnológicos como exemplo o celular e o computador.

Soares (2000) afirma que é preciso saber ensinar com as tecnologias além de assegurar o acesso dos alunos a escolas equipadas. A verdadeira função do professor de ensinar, que é de criar condições de aprendizagem. Um exemplo no uso do computador de acordo com Fonseca (2001, p.2):

É preciso lembrar que os computadores são ferramentas como quaisquer outras. Uma ferramenta, sozinha, não faz o trabalho. É preciso um profissional, um mestre no ofício, que a manuseie, que a faça fazer o que ele acha que é preciso fazer. É preciso, antes da escolha da ferramenta, um desejo, uma intenção, uma opção. Havendo isto, até a mais humilde sucata pode transformar-se em poderosa ferramenta didática. Assim como o mais moderno dos computadores ligado à Internet. Não havendo, é este que vira sucata.

Nessas condições a formação do professor precisa ser encarada como um processo permanente porque estes educadores necessitam ter como objetivo formar um cidadão que esteja preparado para o mundo atual, que seja crítico, tenha condições de criar e principalmente de se autodesenvolver. Um lugar hoje de uma infância cada vez mais marcada pela eletrônica, tecnologias mediáticas que trazem as crianças uma infinidade de produtos com a finalidade de consumo.

5 FUNÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM ESCRITA – LETRAMENTO

A criança traz consigo todo um acervo de conhecimento construído pela publicidade midiática, algumas citada no capítulo anterior, ela faz leitura sem ser alfabetizada. Portanto a função pedagógica da mídia também deve ser considerada como uma educação das massas da infância e este processo é positivo quando utilizado na construção das aprendizagens para a alfabetização. Faço minhas as palavras de Madalena Freire (1983, p.15) quando diz “[...]se a prática educativa tem a criança como um de seus sujeitos, construindo seu processo de conhecimento, não há dicotomia entre o cognitivo e o afetivo, e sim uma relação dinâmica, prazerosa de conhecer o mundo”.

Neste cenário a opção foi proporcionando um ambiente onde tivessem um envolvimento para ampliar os conhecimentos da linguagem oral e escrita dessa faixa etária, respeitando o processo cognitivo. Foi ao observar as crianças do jardim envolvidos com as atividades e utilizando o recurso das tecnologias, que se afirmou essa relação prazerosa de construir conhecimento de que Madalena Freire (1983) fala.

Ao vivenciar a prática tomei consciência da complexidade do processo educacional e que este não pode ser visto fora do contexto social e cultural das crianças. Buscar nos referenciais teórico subsídios para desenvolver de maneira adequada as propostas das atividades quanto a função social da linguagem escrita, o letramento.

Emília Ferreiro, com colaboração, principalmente de Ana Teberosky, desenvolveu pesquisas a respeito da aquisição da linguagem escrita da criança. Para ela, esse processo é psicogenético, cujo início ocorre antes de a criança ingressar na escola e segue. Nas palavras das autoras: “[...]atualmente, sabemos que a criança que chega a escola tem um notável conhecimento de sua língua materna, um saber linguístico que utiliza ‘sem saber’ (inconscientemente) nos seus atos de comunicação cotidianos” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p.24). Segundo as autoras, a forma como a criança se apropria da linguagem oral servia como modelo para explicar a aquisição da linguagem escrita.

Magda Soares (1998) dedica suas pesquisas na área da alfabetização e letramento e verifica progressiva e cautelosa extensão do conceito no processo de aprendizagem do sistema de escrita. A autora afirma que o mundo da escrita ocorre simultaneamente mas por dois processos: “pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo

desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento”(1998, p.14). No livro “Letramento: um tema em três gêneros” (1998), Soares procura conceituar confrontando os dois processos – alfabetização e letramento.

[...] ainda que para propor diferenças, entre letramento e alfabetização, o que tem levado à concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem, e até se fundem. Embora a relação entre alfabetização e letramento seja inegável, além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda que focalize diferenças, acaba por diluir a especificidade de cada um dos dois fenômenos[...]. (SOARES 1998, p.17)

Para Soares (1998) o sentido atualmente atribuído à palavra letramento é a interação social de um indivíduo que usa a linguagem oral e escrita, o mesmo pode ocorrer com a criança pequena.

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (SOARES, 1998, p.24).

Mais uma vez reforço de como é importante termos o conhecimento sobre o tema em questão, as leituras em Soares (1998) têm cunho esclarecedor, assim podemos fazer uma intervenção qualificada quando se trata de alfabetização e letramento com a educação infantil.

Portanto, em uma sociedade letrada, mesmo os sujeitos que não dominam a linguagem escrita, neste caso a turma do jardim em estudo, desenvolvem habilidades para a utilização dessa linguagem, situações permeadas pela escrita, tais como: letreiros de ônibus, cartazes, rótulos, placas de trânsito, entre outros. Esse tema letramento vem em busca da superação das funções assistencialista, em direção a uma educação infantil de cunho pedagógico preocupada com o desenvolvimento integral das crianças e pautada na indissociabilidade dos atos de cuidar e educar. Soares (1998) propõe:

[...]em primeiro lugar a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e escrita[...]. (SOARES,1998, p.16)

Esse período é igualmente importante para área que envolve os estudos sobre alfabetização e letramento porque as creches e pré-escolas são espaços privilegiados que no processo de ensino-aprendizagem do sistema da escrita. As crianças interagem com a escrita por meio dos livros de histórias, nas relações com os pais e irmãos, através dos diversos meios mediáticos de comunicação.

Contudo a educação infantil tem um importante papel no processo da criança, propicia condições para ela se desenvolver pessoal e socialmente pela construção do conhecimento cultural. Para isso Nicolau (2003) afirma que cabe à educação infantil estimular a aprendizagem da leitura e da escrita, principalmente para crianças de quatro a seis anos, aproximadamente. Nas suas palavras:

Estimular o pré-escolar à aprendizagem da leitura e da escrita pressupõe partir do universo vocabular das crianças, de seus interesses, experiências de vida, expectativas e inquietações, e, portanto, considerar a alfabetização um processo de compreensão do sistema de escrita, inserindo em outro processo mais amplo que implica a aprendizagem da linguagem escrita e de seus usos possíveis – o letramento; conseqüentemente, do valor simbólico da linguagem enquanto veículo de cultura (NICOLAU, 2003, p.227-228).

Podemos ainda fazer referência ao ambiente da sala de aula planejado e organizado com propostas referentes a linguagem oral e escrita que fazem sentido para as crianças, ou seja, repletas de significado. São exemplos os painéis interativos construídos e afixados nas paredes da sala na altura das crianças: chamadinha, calendário mês, calendário rotina da semana, flanelógrafo para contação de histórias e cantinho literário. As situações em que presenciem a leitura dos seus nomes e dos integrantes da turma, aqueles que estão presentes e os ausentes, fazerem comparações com os tipos de letras reforçou a importância das crianças de quatro anos com o mundo letrado e ao interagir com a escrita, aprendem o seu sentido e significado social, além do nome estar ligado a uma história de vida e uma identidade pessoal.

De acordo com Ferreiro (1999) desde o início, inclusive na pré-escola se aceita que todas as crianças podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível.

Vygotsky (1998) deixou grande contribuição sobre vários aspectos do desenvolvimento e aponta o aprendizado como uma das funções psicológicas organizadas pelo homem e pela cultura. Nesse sentido o ambiente sócio-cultural vai ser fundamental para desencadear o aprendizado.

[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem

sempre uma história prévia. [...]de fato aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança. (VIGOTSKY, 1998, p.110)

As teorias de Vygotsky estão presentes nas práticas diárias na educação infantil porque esta é repleta de interações durante as brincadeiras, jogos, a expressão oral, o faz-de-conta, a modelagem, a pintura, a colagem, as dramatizações e propostas lúdicas de atividades e nessas podem-se integrar as tecnologias.

Para Soares (1998) a alfabetização é entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico, encargo dos primeiros anos do Ensino Fundamental. O letramento para a autora é a etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados que envolvem o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Pode-se aqui lembrar das diversas atividades de interação citadas acima que são desenvolvidas na educação infantil.

6 DIANTE DOS ELEMENTOS TECNOLÓGICOS

Os educadores têm procurado melhorar a postura, inovando suas práticas pedagógicas através do estudo sobre novas tecnologias. A educação infantil por ser a porta de entrada das crianças na instituição escolar não pode eximir-se da obrigação de introduzir os pequenos nas linguagens e interações que ocorrem através das tecnologias, pois as crianças precisam desse aparato para desenvolver suas potencialidades em um contexto social onde essas tecnologias já estão presentes.

Na educação infantil, o uso dessas tecnologias deve ter um caráter educativo lúdico, como proposta pedagógica, contribuindo em aprendizagens relevantes e socialmente significativas. As crianças estão em constante interação através das brincadeiras, jogos, rodinhas, etc. construindo uma aprendizagem com alegria e prazer. Neste contexto as teorias de Vygotsky (1989) se fazem presentes nas vivências diárias na educação infantil. Quando lhes é disponibilizado no brincar com objetos tecnológicos as crianças aprendem por meio do jogo simbólico desenvolvendo sua imaginação e promovendo a autonomia.

Para Vygotsky:

No brinquedo o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas: um pedaço da madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. (VYGOTSKY, 1989 p.111)

Assim, o professor tem sua função ampliada e a escola passa a ser espaço de trocas, que para Vygotsky (1989) é a interação dos sujeitos com o seu meio. Este processo por meio do qual, professores e crianças, na condição de sujeitos envolvidos, assumem o papel de aprendizes através da colaboração nas aprendizagens em coerência com as realidades sociais e culturais. Trata-se de uma geração de crianças com habilidades para manusear aparelhos tecnológicos antes mesmo de saber falar e escrever. Na mesma perspectiva, versa o desenvolvimento da coordenação motora, a construção de valores, de respeito e cooperação, o conhecimento do mundo letrado, relevante no processo de construção da língua escrita.

A função social da língua escrita considerada por Soares (1998) como letramento está fundamentada na natureza das experiências e práticas de leitura e escrita com adequação do

material envolvido nas experiências. Se os recursos tecnológicos têm essa proposta citada por Soares então podemos integrá-los e considera-los como grandes aliados na formação infantil.

No contexto de aprendizagem para a infância, o potencial e os benefícios educacionais da tecnologia são aliados cada vez mais marcante na idade pré-escolar. Proporcionar às crianças conhecimento do mundo, seja relativo ao seu mundo próximo, contexto da sua sala de atividades, o espaço exterior, físico e comunitário, ou um mundo mais distante o conhecimento de outras realidades quer sejam elas naturais, sociais ou culturais.

A tecnologia da informação pode proporcionar às crianças o acesso a imagens, sons, pesquisar sobre baleias e seus habitats por exemplo, isto é, dar respostas as suas curiosidades. Nestas possibilidades, os computadores permitem ainda às crianças comunicarem facilmente com outras pessoas, famílias, outras escolas, para estimular as suas capacidades comunicativas mesmo que seja através de desenhos digitalizados, imagens, fotografias, uma forma de comunicação que faz também ela parte integrante desse mundo letrado.

Para Moran (2000, p.53), [...]a internet é uma mídia que facilita a motivação das crianças, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece[...]”. Podemos então dizer que estamos estimulando todo um conhecimento inclusive a sua apetência pela escrita, expandir sua visão de mundo, conhecer e questionar. Integrar na rotina de sala de aula estas novas formas de acesso e de construção de saberes que conduza a uma aprendizagem significativa. Isto é aprendem mais quando desafiadas e isso é reflexo da vontade de aprender e da curiosidade em descobrir coisas novas. O estímulo proporcionado e a valorização de um diálogo entre as crianças são os primeiros passos. Para Antunes (2000, p.52),

[...] uma escola onde professores, prestando atenção nas dúvidas, perguntas e comentários das crianças, descubram anseios de vontade de aprenderes que se transformarão em situações de aprendizagem e projetos que deverão durar, enquanto se mantiver acesa a curiosidade, o desafio, a vontade da descoberta e o espírito de busca[...]

Nesse processo de desenvolvimento da criança seu conhecimento é construído e constantemente reconstruído através das ações que realiza e das interações estabelecidas com os outros, bem como com os elementos de sua cultura. Além da necessidade de estabelecer interações a fluência tecnológica na era digital requer a realização de ações por mídias diferenciadas que favorece a construção de conhecimento, uma vez que, segundo Vygotsky (1989), o indivíduo constrói pessoalmente os seus conhecimentos nas interações com os

outros atores sociais e a partir das interações com os signos e instrumentos presentes na sociedade. Para Vygotsky (1989) a capacidade de utilização de instrumentos ou inteligência prática tem uma origem anterior a capacidade de falar no desenvolvimento infantil. Para o autor as atividades lúdicas como as brincadeiras e a mediação são primordiais na construção de novas aprendizagens na educação infantil pela sua relevância sócio cognitiva. Ao brincar de faz de conta a criança gera uma série de significados em sua mente que quando reproduzidos são cheios de simbologia.

A criança não alfabetizada inicia o processo de escrita utilizando como ferramenta a imitação mecânica utilizando lápis e ou digitando no computador. O professor por sua vez pode elaborar algo novo na qual pode ser utilizada um tipo de ferramenta mediática para despertar o desejo de novos conhecimentos e gerar um aprendizado eficiente. Para Oliveira (1995), o comportamento de crianças pequenas é fortemente determinado pelas características das situações concretas em que se encontram e conduz ao desenvolvimento mental produzindo aprendizagens.

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente. (OLIVEIRA, 1995, p.115)

A criança vive um momento fecundo, nas suas interações com pessoas e com as coisas do mundo, é o momento que atribui significados aquilo que a cerca. Assim, o relacionamento com as crianças, nos dias de hoje, alcança uma dimensão que perpassa a proteção e a assistência, e aponta para um objetivo mais amplo que é o de educar, respeitando as individualidades e as formas de aprender.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A monografia apresentada baseia-se num estudo qualitativo. De acordo com Martins (2008, p.XI), uma avaliação qualitativa “[...] é caracterizada pela descrição, compreensão e interpretação de fatos e fenômenos”. A estratégia utilizada, estudo de caso, pode ser descrita da seguinte forma:

[...] uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real (pesquisa naturalística), onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto. Mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado – problema de pesquisa – o Estudo de Caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa. (MARTINS 2008, p.XI)

Por se tratar da análise de uma só turma, definida por Martins (2008) um estudo de caso como método, caracterizada como pesquisa qualitativa, isto é, quando o pesquisador está preocupado com a compreensão da ação educativa. O papel do pesquisador tem relevância quando está pautado numa atuação criativa quando descreve, explicando e encadeando evidências, precedida de uma fundamentação teórica.

Num primeiro momento, buscou-se a revisão bibliográfica que ocupou papel relevante no desenvolvimento, pois forneceu sustentação ao estudo, desde o planejamento até a conclusão. A teoria de Vygotsky (1998) está presente quando os relatos se referem a interação das crianças com seu meio na busca de produzir mais aprendizagens. No desenvolvimento da questão norteadora sobre o desenvolvimento da língua escrita no jardim tenho como amparo as teorias de Ferreiro (1999).

A metodologia empregada no estudo de caso da turma do jardim, se empenha em observar as crianças envolvidas com as tecnologias nas propostas com atividades lúdicas de novas conquistas sobre a língua escrita.

Os instrumentos da coleta de dados mais expressivos são os registros com imagens, fotos tiradas durante as propostas. A turma do jardim compõe-se de quinze crianças com quatro anos de idade na Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Canoas-RS.

A questão orientadora para o estudo: “Será que o uso do microfone para gravação e o computador dariam sustentação para a construção de novos saberes na linguagem oral e escrita”?

Com a proposta inovadora do uso das TIC na educação infantil registro os dados e informações realizadas durante o período observado. Identificar a influência dos meios tecnológicos e os reflexos que o computador especificamente, traz no desenvolvimento da linguagem oral e escrita para crianças de quatro anos.

Os critérios de observação consideraram o acesso aos meios tecnológicos anteriores a sua escolaridade, a forma como acontecem e suas implicações no desenvolvimento infantil.

Segundo Demo (2007), as novas TIC podem nos trazer oportunidades ainda mais ampliadas; possibilitam explorar novos processos de aprendizagem, mais flexíveis e motivadores. No sentido de alfabetizar Demo (2007) deixa claro que todo o alfabetizador precisa construir sua proposta teórica, se quiser deter um discurso fundamentado. Afirma, no entanto, que o objetivo maior não é alinhar-se a uma teoria única, em vez de adotar uma, há que usar a todas e entre as preferências teóricas pode haver um autor ou linha teórica tida por mais importante, mas nunca como ideia fixa.

O objetivo desta pesquisa não foi trazer resultados em relação ao alfabetizar as crianças de quatro anos, mas revelar que com estímulos através dos recursos das tecnologias pode-se desenvolver atividades lúdicas. Destas surge a possibilidade de acréscimo no conhecimento na linguagem oral e escrita. Importante destacar que cada aprendiz tem um ritmo próprio que foi rigorosamente respeitado.

8 ESTUDO DE CASO – TECENDO PERCURSO

Descrever o percurso é relatar as práticas e experiências com a metodologia de pesquisa com o estudo de caso do jardim, crianças de quatro anos, durante um curto período, focado no tema principal Tecnologias na Educação Infantil com uma questão orientadora: “Será que o uso do microfone para gravação e o computador dariam sustentação para a construção de novos saberes na linguagem oral e escrita”? Neste contexto foi considerado o conhecimento das crianças com a influência da cultura mediática que mesmo com quatro anos já realizam a leitura das imagens, considerado como letramento. As crianças se envolvem com os familiares no consumo dos produtos oferecidos através das diversas mídias, por isso não poderia deixar de citar sobre esta influência que deve ser considerada no acréscimo sobre as aprendizagens da linguagem oral e escrita.

As estratégias experimentais tiveram embasamento teórico dentro da cultura digital para crianças pequenas e vem a contento lembrar da necessidade do conhecimento do educador. As contribuições de Antunes (2004) são importantes em relação aos elementos experimentais na educação infantil. Para o autor o fundamento da estrutura prática deve ter um sólido suporte teórico pelo professor.

O professor de educação infantil deve dominar estratégias de ensino que possibilitem que as crianças ensaiem, estruturam projetos, façam explorações, elaborem hipóteses, desenvolvam conjeturas que as ajude a sair do egocentrismo; que seja um lançador de desafios, propositos de problemas e um motivador, jamais inculcando conhecimento, mas intermediando a construção de conceitos e de significações. (ANTUNES, 2004, p.61)

Quando se quer saber mais sobre determinado assunto, surgem dúvidas, perguntas, necessidade de esclarecimentos é a busca de novos conhecimentos e a intenção dessa busca se integra com opiniões de autores experientes e consagrados no tema pesquisado.

Segundo Freire (1996, p.29), pesquisar é necessário, pois, por meio da pesquisa, tem-se condições de “[...]constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade[...]”.

As crianças em estudo têm a liberdade de representar seus sentimentos e emoções, os estímulos que ela recebe e a liberdade que lhe é dada são alguns dos inúmeros fatores que abrangem o processo de construção e apropriação da linguagem oral e escrita. O interesse

mais amplo pela apropriação da escrita surge a partir da necessidade que a criança sente em interpretar o mundo letrado que a rodeia, por meio de notícias, anúncios, propagandas entre outros. Utilizar os meios mediáticos para proporcionar a eles a possibilidade de transformarem e recriarem os conhecimentos que já possuem, nesse processo, é de ser mediador entre o conhecimento pronto e o novo.

Conforme Rego (1995, p.69),

[...] o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade. É por isso que ele identifica uma espécie de continuidade entre as diversas atividades simbólicas: os gestos, o desenho, o brinquedo. Em outras palavras, estas atividades contribuem para o desenvolvimento da representação simbólica (onde signos representam significados) e, conseqüentemente, para o processo de aquisição da linguagem escrita.

Diante das evoluções que compreendem tal faixa etária, no período pré-escolar, a criança adquire novas habilidades, mais autonomia, desenvolve melhor a linguagem e, com isso, aperfeiçoa a escrita. Por mais que nessa faixa etária as crianças sejam mais independentes do que as crianças menores, elas ainda necessitam de estímulos e motivação para expressarem suas inquietações e dúvidas. O estímulo proporcionado e a valorização de um diálogo entre as crianças são os primeiros passos que se fazem fundamentais na construção do saber. São as experiências práticas, de brincadeiras lúdicas que influenciará diretamente no processo de aprendizagens, portanto, aprendem mais quando são desafiadas e isso é reflexo da vontade de aprender.

Registro um dos meios tecnológicos utilizados, o microfone para gravação das falas das crianças. Com espontaneidade, como uma brincadeira, as crianças fazem entrevistas e interpretam um repórter. Atividade lúdica para o desenvolvimento da linguagem oral que proporcionou grande interesse pelo grupo em participar. Faziam perguntas de suas escolhas e as respostas correspondiam. Por exemplo na experiência abaixo: *“tu vai fazer festa de aniversário na nossa sala? Vai ter bolo e brinquedo pula-pula”?* Resposta: *“sim, só bolo e refri, não tem pula-pula”*. Em outra entrevista um menino queria ser o repórter do tempo. Sua fala foi interpretar as condições do clima e para isso escolheu ir no pátio da escola para falar. Sua fala: *“Hoje o tempo tá bom, tem sol e é calor”*.

FIGURA 3 – A entrevista coletiva



Arquivo pessoal da própria autora, 2014.

Na interação as crianças brincam entre si a seu modo, criam suas próprias histórias e regras e as cumprem, conforme as consideram corretas, e aprendem. Os variados costumes e com bagagens de conhecimentos únicos e particulares as crianças realizam com naturalidade as entrevistas. Foram abordados diversos assuntos de livre escolha pelas crianças.

Para Antunes (2004) brincar favorece a autoestima, a interação com seus pares e sobretudo, a linguagem interrogativa, propiciando situações de aprendizagem que desafiam seus saberes estabelecidos e destes fazem elementos para novos esquemas de cognição.

Assim, devem-se proporcionar momentos para que a criança possa expressar toda a sua criatividade e ser livre para manifestar seu pensamento durante as atividades, pois, dessa forma, ela estará construindo o seu próprio conhecimento e acreditando nas suas potencialidades.

Segundo Negrine (1994, p.36), “[...]na fase pré-escolar, atividades como desenho, pintura, modelagem, construções e os diferentes jogos que a criança experimenta são fontes muito ricas para compreender a criança e seu mundo interior”.

A palavra assume uma função importante no processo cognitivo da criança porque dirige a construção das interpretações no pensamento infantil, conforme palavras de Vygotsky (1993, p.131), “[...]a relação entre pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras[...]”.

Assim, novamente de forma lúdica são desafiados pela professora para expressarem oralmente o significado de seus desenhos construídos em um quadro de giz. Registro coletado

com fotos conforme a figura a seguir. O entrevistador pergunta: “*o que é teu desenho*”? As respostas são explicações com detalhes como: “*aqui é minha casa e aqui a casa da minha vó, e eu brinco aqui*”. Uma fonte de riqueza segundo Negrine (1994) para novas aprendizagens.

FIGURA 4 – A entrevista individual



Arquivo pessoal da própria autora, 2014

De acordo com Vygotsky (1993, p.129), “[...]o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções[...]”. A leitura dos desenhos tem a função de provocar a interação entre leitor-autor-desenho e responder as questões levantadas pelo entrevistador. A entrevista tem um ato de busca de respostas para satisfazer o desejo e utiliza uma linguagem referente a sua compreensão, visto que para Vygotsky,

A linguagem do meio ambiente, com seus significados estáveis e permanentes, indica o caminho que as generalizações infantis seguirão[...]. O adulto não pode transmitir à criança o seu modo de pensar. Ele apenas lhe apresenta o significado acabado de uma palavra, ao redor da qual a criança forma um complexo. (VYGOTSKY, 1993, p.58)

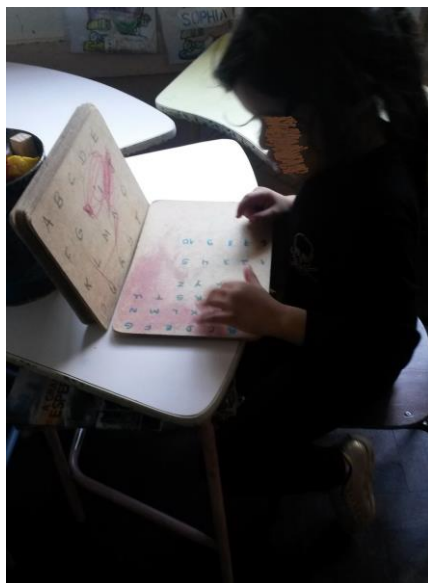
Esta linguagem da criança está ligada ao desenvolvimento do pensamento infantil, desenvolvem-se segundo a evolução até atingir o nível do pensamento por conceitos, para Vygotsky (1993) começa na fase mais precoce da infância.

O brinquedo é um mundo imaginário onde a criança pode realizar seus desejos e o ato de brincar é importante fonte de promoção de desenvolvimento. Para Vygotsky (1993) é na apropriação de habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis que as funções psicológicas humanas são construídas. Neste sentido, a criança na figura a seguir através do brincar manifesta numa atividade externa, em um processo intrapessoal. Desta forma, para Vygotsky, todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual.

Negrine (1994, p.44) argumenta sobre este trabalho na Educação Infantil de, “[...]estarmos conscientes que o desenvolvimento e a aprendizagem infantil flutuam entre as atividades exploratórias e ou de exercício e as atividades lúdicas da criança”. Em estudo sobre a evolução do conhecimento da criança a figura a seguir corresponde ao citado pelos autores em referência.

Portanto, cabe ao professor transformar tecnologia em aula socialmente construtiva, conhecimento espontâneo em conhecimento científico.

FIGURA 5 – Durante o brincar



Arquivo pessoal da própria autora, 2014

A confecção do jogo da memória com rótulos de embalagens trazidas pelas crianças tornou-se uma brincadeira em que se aprende a compartilhar ideias, ouvir os outros, trabalhar de forma cooperativa, vivenciando momentos de descontração, além de despertar para a leitura e escrita, sua importância e seu significado na vida. Trabalhamos com os rótulos, explorando a oralidade e realizamos uma série de atividades, abrangendo várias áreas do conhecimento.

Vygotsky considera que: “[...]a situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento[...]” (Vygotsky 1998 p.124). Ainda em consideração aos referenciais teóricos do autor, o lúdico e, de uma forma mais abrangente o jogo simbólico, numa perspectiva compartilhada, favorece a troca de significados e construções de novas representações acerca do mundo. Ainda em referência ao mesmo autor, na idade pré-escolar, o raciocínio lógico ainda não permite que a criança dê explicações coerentes a respeito das coisas. É através do jogo simbólico que a criança desenvolve sua capacidade de pensar e estes tornam-se jogos de regras e as regras são o objetivo do jogo que através do respeito a estas, são assimilados conceitos do mundo real e das relações concretas, assim, para Vygotsky (1998) a criança passa da individualidade para a socialização.

O professor, enquanto mediador do conhecimento, poderá criar situações oportunas para poder observar os indicadores que cada criança dá, um exemplo na figura abaixo, a partir disso, trabalhar junto aos jogos e brincadeiras próprias para cada período de desenvolvimento da criança.

FIGURA 6 - Jogo da memória



Arquivo pessoal da própria autora, 2014

Os pré-leitores, crianças não alfabetizadas, usam mais a imaginação para ler, por isso livros com imagens e pouco texto contribuem com a leitura e com a produção textual na oralidade, criando condições para a evolução da leitura e aquisição da escrita. As leituras realizadas na turma do jardim em estudo foram organizadas de acordo com leitura dialética, incentivando-os a elaborar hipóteses. Este processo de internalização dos significados contidos nos textos para que aos poucos a literatura e a escrita passem a fazer parte da vida das crianças, são objetivos atingíveis e contribuem com o desenvolvimento infantil, pois de acordo com Vygotsky (1993, p.124), “[...]a escrita é a forma de fala mais elaborada[...]”.

FIGURA 7 – Hora da leitura



Arquivo pessoal da própria autora, 2014

Desta forma, ao agir nas atividades, a criança não separa a leitura do mundo, do seu contexto e da imaginação, porque antes de tentar escrever ou desenhar o seu pensamento, indicam pela fala e pelos movimentos o que tentam representar.

O computador desperta fascínio nas crianças porque elas vivem em um mundo tecnológico, e os recursos digitais utilizam-se das variadas linguagens que envolvem som, cor, imagem, despertando curiosidade e grande interesse. O uso do recurso computador não teve como objetivo alfabetizar, mas uma forma diferente e lúdica ao acesso dos símbolos ortográficos. Para Freire (1990) alfabetização é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência. “[...]ser capaz de nomear a própria experiência é parte do significa “ler” o mundo[...]”.

(Freire, 1990 p.7)

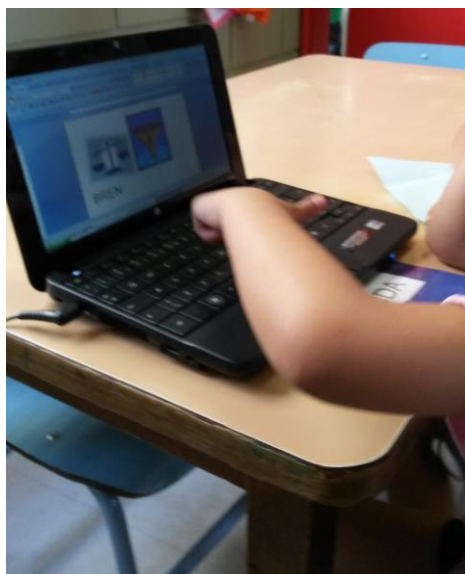
Dentre outras a questão fundamental para Freire de compreender a alfabetização.

É impossível levar avante o trabalho de alfabetização, ou compreender a alfabetização, separando completamente a leitura da palavra da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la

depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo. (FREIRE,1990 p.31)

Desse ponto de vista as propostas desenvolvidas com a turma do jardim foram atividades que se caracterizaram como precedidas do aprender a escrever e sim experiências de estar em contato com as diversidades em informação e ou tecnologias que o mundo atual oferece.

FIGURA 8 - digitando o nome



Arquivo pessoal da própria autora, 2014

A tarefa desafiadora de apropriarem-se da própria história sua identidade e autonomia na escolha de imagens que gostaram, mas ainda nessa trajetória surgiram novas ideias e conquistas pelas crianças. Após a escolha das imagens as crianças foram por opção própria até o quadro da chamadinha e pegaram o cartão de seus nomes para copiar, autonomia e liberdade para desenvolver novas aprendizagens. A transformação “escrever” história, para Freire (1990), teve início no momento em que as mãos, liberadas, começaram a ser usadas de maneira diferente, a consciência do mundo “contatado” ia-se constituindo, tocado e transformado é que gera a consciência do eu.

Voltando ao pensamento próprio deste período do desenvolvimento que Piaget (1967) caracteriza de estágio pré-operatório que encontramos descrito também em Bessa (2008),

[...]pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior. Tais esquemas de ação conseguidos por meio das sequências de assimilação e acomodação que vão sendo realizadas pelas crianças durante suas múltiplas

interações com o meio. Esse período é conhecido também como a idade da curiosidade, onde a criança pergunta o tempo todo. Essa curiosidade é despertada com o desenvolvimento da fala e com o desenvolvimento paralelo da capacidade de realização de representações mentais. (BESSA, 2008 p.46)

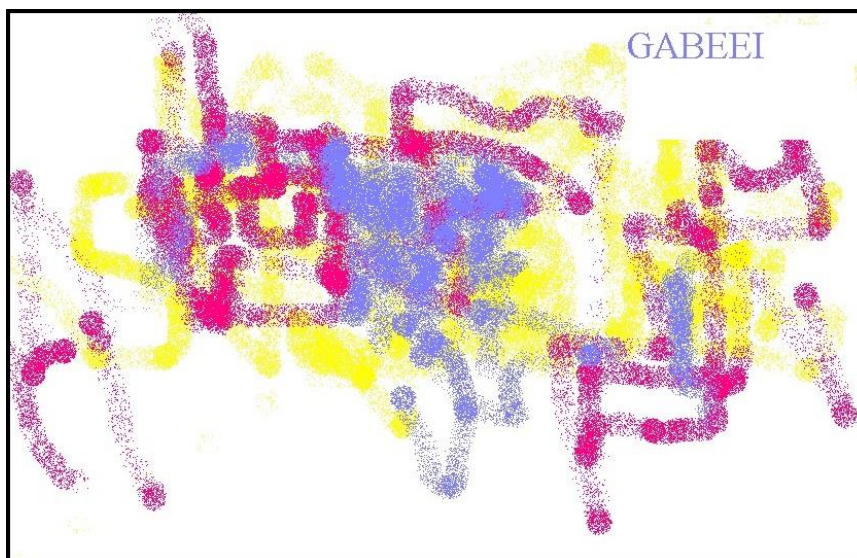
Assim, para Piaget (1967), o objetivo do desenvolvimento é a socialização do pensamento, sendo a interação com outras crianças de importância fundamental na construção do conhecimento e constituindo-se numa de suas forças motivadoras. As atividades propostas às crianças são graduadas conforme o seu nível mental e ter como base o estágio em que se encontra. Do ponto de vista Piagetiano, o que a criança “lê” da realidade, não depende tanto do estímulo, como da estrutura dos conhecimentos anteriores, nos quais o estímulo é assimilado. Quanto mais o conhecimento da criança é estimulado e estruturado, mais sua leitura da realidade será precisa e rica.

Segundo Ferreira (1996, p.24) “[...]o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças[...]”. De acordo com suas experiências com crianças, Ferreira (1999), esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial. Nesse contexto vou destacar dois onde o inicial que se permita e estimule que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos e o acesso quanto antes possível à escrita do nome próprio. Da perspectiva dessa autora compreende-se a vontade imensa dessas crianças de Jardim com a escrita de seus nomes e de forma espontânea através da cópia ou nas tentativas de seu nível de aprendizagem.

A turma em estudo, pelas características de sua idade na interação com o seu meio de convívio, que para Vygotsky (1993, p.58), “[...]a linguagem do meio ambiente, com seus significados estáveis e permanentes, indica o caminho que as generalizações infantis seguirão[...]. Assim, criança pré-escolar, já opera com conceitos e com abstrações, pratica o pensamento conceitual antes de ter consciência clara da natureza dessas operações.

Compreender a teoria deste autor sobre o desenvolvimento da fala e sua relação com o desenvolvimento do pensamento da criança é interpretar o próprio processo, estabelecer relações de mediador respeitando o desenvolvimento infantil. O instrumento utilizado com as crianças do jardim foi o computador, registrado na figura a seguir.

Figura 9 – Desenho no *Paint* e escrita espontânea do nome.



Arquivo pessoal da própria autora - 2014

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “[...]a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária[...]”. Ferreiro (1999) defende que de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23)

Ainda em Ferreiro (2000, p.31) “[...]nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem[...]”. Nesse envolvimento da turma do Jardim, conforme a autora, a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. Além da linguagem escrita se oportunizou muitas áreas vitais como noção espacial, auditiva, coordenação motora fina, lateralidade e outros no desenho e pintura pela criança através do computador.

Tecendo esse percurso da ampliação da linguagem oral e escrita não poderia deixar de citar os referenciais teóricos sobre alfabetização pois estas crianças de quatro anos estão no percurso que os envolve cada vez mais na construção da língua escrita.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses espontâneas e provisórias até se apropriarem da complexidade da língua escrita.

A pesquisa qualitativa não obteve respostas definidas durante a observação com as atividades propostas utilizando o microfone/gravador e o computador. O que se observou de fato crianças com acréscimos em seus conhecimentos da linguagem oral representadas nas figuras 3 e 4 quando realizaram as entrevistas utilizando microfone/gravação das suas falas. O áudio das gravações, as imagens, foram apresentadas para a turma alguns dias depois para ouvirem suas falas e motivados para ampliar o conhecimento da linguagem oral, onde escolheram cantar e gravar uma música.

As propostas com o uso do recurso computador, além da linguagem oral considerou a autonomia ao usarem o equipamento e a facilidade na interação com as ferramentas do software *Paint Brush*. Durante a mediação lançar desafios para as crianças demonstrem seus conhecimentos na linguagem escrita, mas respeitando o ritmo próprio de cada um.

Assim, observa-se nas figuras 8 e 9 a digitação do nome com espontaneidade através da cópia ou não que demonstrou o avanço do conhecimento na linguagem escrita pelas crianças de quatro anos.

A pergunta que orientou esse estudo de caso “Será que o uso do microfone para gravação e o computador dariam sustentação para a construção de novos saberes na linguagem oral e escrita”? As propostas alcançaram os objetivos planejados, acrescentou em conhecimentos para as crianças que foram desafiadas e demonstraram suas capacidades na ampliação da linguagem oral e escrita que está em constante e progressivos avanços.

Para acrescentar a esta monografia uma comparação ao uso das tecnologias e o não uso, ofereci as mesmas propostas em folha de papel, onde as crianças não desenvolveram com tantas habilidades sua linguagem escrita. O interesse foi menor e grande parte da turma não fez tentativas em demonstrar os seus conhecimentos da linguagem escrita, mesmo diante da diversidade de elementos de texto.

9 CONCLUSÃO

De tudo o que se procurou analisar na construção desta monografia, algumas considerações finais serão explanadas, não como forma de conclusão, mas um recorte de uma faixa etária, quatro anos, em pleno desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

As crianças, desde muito cedo, têm acesso as novas tecnologias de comunicação e informação. Este acesso, que não necessariamente seja considerado uso, se dá quando ela está inserida nos meios de comunicação, onde a cultura mediática faz parte do seu dia-a-dia influenciando na sua formação em todos os aspectos.

A educação infantil é um dos primeiros espaços de inserção da criança nas relações sociais, seu currículo está cada vez mais estruturado para uma educação de qualidade, e não mais um lugar para apenas cuidar e socializar. Embora essas duas funções continuam sendo de muita importância para a criança que frequenta a educação infantil. Esta criança, apesar de iniciar muito cedo sua escolarização, já traz à escola uma bagagem cultural mediática e tecnológica. Movidas pela vontade de descobrir e pelo interesse, e confrontadas com os diversos meios de comunicação com fontes de informação que influenciam na construção dos saberes. A integração das TIC na escola, é fundamental porque estas técnicas já estão presentes na vida das crianças e funcionam como agências de socialização, trazendo consequências para os processos culturais, comunicacionais e educacionais.

Portanto criar ambientes de aprendizagem com a presença das TIC na educação infantil significa crianças envolvidas com interesse, participativas e satisfação com as novas aprendizagens. Apresentar a conclusão do trabalho que não conta com resultados diagnosticados pela pesquisa, mas aprendizagem aconteceram, práticas aplicadas com as crianças que assegurou de como as TIC podem ser apropriadas no ensino/aprendizagem mesmo na educação infantil. Isto tudo pela formação e aprendizagens que recebi ao longo do curso.

Estas são algumas contribuições da presente monografia, com certeza de que novas reflexões virão, em cada momento novo, em cada releitura, em cada nova experiência de vida. Assim, com o término desta, algumas perguntas ficaram, outras surgiram, e ainda outras nascerão, estamos num constante aprender. Seríamos fragmentados e sem desejos se concluíssemos algo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008

BRASIL, ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso: 20. Fev. 2015

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 altera LDB 9394/1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acesso em: 20. fev. 2015
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112796.htm.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007

FANTIN, Mônica. Do mito de sísifo ao vôo de pégaso: as crianças, a formação de professores e a escola estação cultura. In: **Liga, Roda, Clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

_____ **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

_____ **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médica, 1985.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura da palavra - leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry. A Disneyzação da Cultura Infantil. In: SILVA, Tomas Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MOREIRA, A. da S. Cultura Midiática e Educação Infantil. **Revista Educação e Sociedade**, dez. 2003.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**: perspectivas psicopedagógicas. Porto Alegre: PRODIL, 1994.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célio Moraes (Org.) **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio histórico. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

PIAGET, J. **A Construção Do Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.